

O TEMPLO
EM FORMA DE MONTANHA

1

Em véspera de Ano Novo,
serei esse outro caminhante
que, vindo de longe para, em Otsu ficar,
peregrinou pelo mundo pernoitando
em albergues onde se morre um pouco:
a lua, minha esteira;
meu travesseiro, o cotovelo.

Mudado o som dos caracteres,
e já com o nome que me havia de ser
 dado, por todos, e ninguém,
em breve me tornei o forasteiro,
que aceitou a condição de ser o mesmo,
 para passar a ser outro qualquer.
Separação é dor; e a dor, bagagem,
que o peregrino leva consigo até ao fim.
Daí em diante, tudo que vejo é muito;
 tanto que tenho, nada.

Na passagem de Shirakawa,
para trás olhei, e que vi eu pois?
Um ancião já sem idade, arrastando os pés
na lama do caminho. As distâncias,
até aí longínquas, agora mais próximas;
os desfiladeiros, até aí escarpados, profundos.
A certas horas, entristeço. Em cada instante, rejubilo
quando o corvo crocita
só ele sabe por que razão
cantam as penas.

Já de passagem por Nasu,
depois de deixar os verdes campos
e antes abrir caminho pelas vertentes
de montanha, logo um cavalo solto,
que por ali andava, se aprestou
para me levar a paragens que desejava visitar.
“Aceite, de bom grado, a prestimosa ajuda”
– recomendou um camponês do sítio,
que na ocasião por ali passava.
“Creia que dará boa conta do caminho,
evitando seguir pela vereda errada”.
“Apeie-se, logo que ele se detenha.
Se o fizer, terá chegado ao lugar
que pretendia.”

Quão raro sigo a Fénix
sob a cinza em que desenho o mapa.
Com paciência, saberei pois
como os rios marcham dia e noite
– o que aconselha a regra.
Pelo nevado azul dos cerros
acamparei hoje nas margens do Biwa;
e na palhoça de taipa, onde o último peregrino
acampou, não faltará papel-de-arroz.
Que a natureza e o lago sejam benevolentes
comigo, é então o que espero:
tranquila a pena; dóceis os pincéis.

Num dedo só cintila
o rubi ontem caído
do anel do sol

Recordações de séculos,
todos os dias mil anos por mim passam.
Por veredas sinuosas, seguem-me
as sombras; ó gargantas de montanha,
que quer de mim o vento que atrás volta
com a cantilena do bonzo eremita
que, iluminado pela corda quebrada,
viu entoar-se-lhe na voz
a melancolia do outono nos salgueiros.

Não queira eu ir mais longe,
ao fim do dia, que o meu país não é
o jardim de Rioanji, nem seus caminhos
o traçado geométrico dos canteiros coloridos
com que a atracção engana as flores
sempre que a borboleta bebe o néctar
das corolas sem, por pudor,
as ter tocado.

De luto se cobriu
o cedro negro p'ra ninguém
dele ouvir falar

Por uma única palavra
nos acham sábios, por duas louco
quando a decepção se precipita
a nossos pés, e a flor da cerejeira
se desprende, com a primeira chuva,
antes de se tornar fruto.

Apesar de não ser dado a tomar conselho
do que, por presunção, se habituou
a fazer dele ofício, nunca esqueci
a lição dos Mestres:

“O que se adianta terá de aguilhoar
o seu cavalo para ser primeiro;
o que escolheu permanecer na retaguarda
não sentirá desilusão, se o seu cavalo se recusar
a ir para a frente.”

Já quanto a fazer das privações
disposição para encontrar a Via, nada pior
que adquirir hábito de deixar isso
para ocasião propícia,
uma vez que, no fim de contas,
todo o que aprendeu cedo a devotar
o coração ao ensinamento dos ritos
não deverá sentir-se defraudado,
se a virtude lhe negar ser compensado
pelo Príncipe e a apreciação dos outros
o não tiver por escolhido.

De tristeza secou
a fonte fria por não voltar
o caçador furtivo

Louvado seja o elevado cume
da montanha; a flor de névoa que o sol desfolha
sobre o rio: de manhã, espelhando o céu
esfumado nos verdes arrozais;
de tarde, arrastando a cauda de oiro
entre a linha quebrada das colinas.
Tudo, em devido tempo, me foi dado.

Ano após ano
com a treva se confunde
a fugidia luz

Agora, conheço que sinais foram deixados
pelos que, antes de mim, calcorream
os trilhos que vão da terra ao céu,
enquanto saudado por quem prestava culto
à juventude, nos verdes anos
em que Fui I morreu, a sonhar, é certo,
mas morto de bêbado; e pela meia-idade,
abraçado à lua, como Li Po,
sem se dar conta de que era o assombro
com que o espelho-de-água atrai
a lua ao Rio.

Eterno companheiro de viagem,
só mais tarde vim a saber escutar o vento
que consigo leva o que passa
por nós sem que alguém o tenha visto.
O que com ele chega com ele vai.
Umás vezes, deixando atrás de si sossego
como aquele que senti em Ryusiaku,
santuário erguido sobre penhascos a que só
se chega por milagre, depois de atravessar
renques de pinheiros e carvalhos
centenários; outras, navegando pelo rio Mogami,
nos pequenos barcos-do-arroz,

à vista da cascata Shiraito, não longe
do templo do Ermitão, suspenso do alcantilado
promontório, onde os verdes arvoredos
contra si estreitam o leito apressado
– tumultuosas águas
às quais, ao atravessar o Território de Michinoku,
não será dada trégua até ao mar
distante de Sakota.

Pelo Quinto Mês
do calendário às águas
do Mogami me juntei

Depois de caminhar dias
inteiros pelas veredas de montanha,
que levam o peregrino a escalar passagens,
em cujo sopé rios profundos
serpenteiam, a chegada ao abrigo acolhedor,
que o penhasco transformou em gruta natural.
O que agora espero é que o cansaço
dê lugar ao sono, o que mais das vezes acontece.
Mas nem sempre assim é.

Estranhando a esteira, o corpo envelhecido
escolhe a insónia, faz da treva nocturna
a manta com que se agasalha
para que o viandante possa imaginar
a jornada que se segue, e a contemplação prossiga
o conhecimento que o próprio itinerário
terá para lhe oferecer qual dádiva
da natureza ao poeta descalço.

Das minhas sandálias
não ficará rasto que seja
– criança que fui

Sempre que o cansaço
das viagens, e a aspereza do relevo
alcantilado, obrigam o caminhante a recorrer
aos préstimos de um cavalo de muda
cedido por certo benfeitor local,
a parte menos útil da bagagem
deixa de ser a dos aprestos do costume,
para passar a ser o corpo, hóspede decrépito
do ancião de esfiada barba branca,
cujas pegadas, durante anos, ficaram escritas
sob a forma de impressão peregrina,
no livro dos templos.

Dessas vivências, delidas inscrições,
ora na pedra, ora na lama dos caminhos
impressas à passagem, a que mais recordo,
quando o pensamento vagueia pelo livro aberto
de uma vida, entregue ao sentimento
da contemplação, é a que me devolve o registo
da chegada a Ohgaki, o lugar onde
pelo sexto dia do Nono Mês, depois de viajar
pela província de Mins, me alberguei,
antes de embarcar para Isé,
a fim de participar na visita ao Grande Santuário,
cada vinte anos reconstruído.

Prolonga-se por dias
dura anos o regozijo do que
outra vez nasceu

À medida, porém,
que o plano da viagem atingia o seu termo,
apesar do desenho raramente poder ser acabado,
e já a salvo da intempérie que, entretanto,
tomava forma de chuva, agudo vento,
quando mais abaixo dos tormentosos cumes,
que a escuridão nocturna de neve negra
amortalhara, havia o peregrino
de desentrapar os pés magoados, enquanto
lhe acudia a ideia de perguntar-se:
“Onde é aqui?”, ao que o espírito debilitado,
só de pensar quanto o repouso lhe doía,
deixava ao corpo o encargo de então
se desculpar com a desmemória dos caminhos,
antes se fixando na lição da paisagem,
pois que o que fica é permanência
no lugar a que se chega, e partir não é mais
que ir com quem parte sem saber
que *onde aqui foi logo onde é ali será.*

15

Curvam-se perante
o ancião o crisântemo a montanha
e os espíritos do caminho

Noutras épocas
sempre que me falavam em *retorno*,
logo o coração batia aflito,
não obstante me faltar razão: aonde podia eu
querer voltar se não tinha pátria;
nada me dizia a carta de negócios do reino;
solitário eu fora desde o Ano em que nasci;
e nenhum desgosto sentia ao saber
que jovens soldados combatiam sob comando
de generais tirânicos, vencendo prélios
montados em cavalos de guerra,
sem dar consolo a inimigos bárbaros,
abatidos nos campos de batalha,
não exibindo festivas flechas de marfim
e aljavas enfeitadas de couro-de-peixe,
mas desferindo setas envenenadas
pelos preparadores sanguinários do escol imperial.

Ao contrário dos poderosos dirigentes,
que insistem em logo dos cargos tirar proveito,
o peregrino não frequenta o Grande Templo
para ser visto; não profere palavras,
que ultrapassam o seu feito; não se atreve
a fazer da virtude acto de má-fé.

Para o peregrino, o que conta
é o modo como devota o coração;
como aprendeu o que lhe foi recomendado
antes de partir; e, quando convidado
a visitar casa de nobre, ou simplesmente
de abastado senhor da região,
não hesitou em fazê-lo com recato
igual ao de quem inclina a cabeça antes
de receber presente que, por cortesia, lhe foi dado.

Sempre que estou só,
rodeado de brumosos cumes
que, à volta do lago, se preparam para oferecer
à natureza a vigília da próxima estação,
nunca adormeço sem dar por encerrado
a reparação dos pequenos encargos;
de substituir o uso da porta, que me traz
as lembranças do passado, pela meditação
que serena o pensamento,
e devolve a visão da paisagem externa,
cujos pormenores me são familiares,

ao ponto de tomar a caixa de água acumulada
a um canto da cabana em que me abrigo
pela configuração do espelho-de-águas
em que se reflectem os arvoredos circundantes;
a esteira em que me deito pelos musgos
com que o último inverno acolchoou de verde
as margens da lagoa a que acorrem
sedentos, de madrugada, os bichos da floresta,
os óleos com que unto e entrapo
os pés exaustos, a espera agravada pela dor
de tantas horas esquecidas,
impassível ante o que resta do ardor da juventude.

18

Três vezes bateu asas
a águia das montanhas
antes de ganhar

altura no céu
distante partindo sem esperar
aprovação real

19

Quando adormecem
nunca os velhos relembram
que já um dia

também para eles
brilhou na noite escura
a lua nova

Daqui a nada, não terei
tempo de distinguir os tons de Outono
que, ao redor do lago, darão lugar à neve;
nem o pequeno ancoradouro, ainda
ontem preso por um braço de juta à embarcação
que, entretanto, deixara de ser visto
nas vaporosas águas, que a brisa gélida varreu
do meu olhar, tomado pela cegueira
que a fosforescência nocturna foi apagando,
lenta como cair de folha, já só
o rumor dos remos me faz lembrar
que meu fim está próximo.

Como qualquer peregrino
ao qual a natureza ajudou a escrever
o que, não sendo seu, ouviu contar,
tudo me foi dado, sem precisar de mendigar
durante os anos da velhice.
Antes de partir para a derradeira caminhada,
as sandálias-de-couro, que me levaram
a sítios nunca antes visitados,
com passagem por campos cultivados,
que tantas bocas sustentaram,
estarão de volta a meus pés; e, no saco de pele,
atado à extremidade do bordão,
que me acompanhara outrora na romagem
aos santuários de montanha, protegerei
da intempérie o livro que a meu lado
repousará sob o cômodo florido
que me dará sepultura.

22

Convocado a tempo
de partir compareceu o peregrino
não recuperado

do cansaço da viagem
mas da vontade de viver
além da morte